

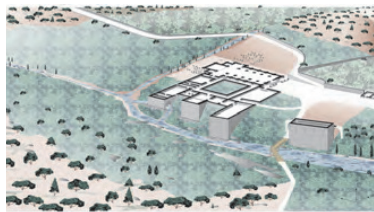
O projecto de investigação arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca: 1998-2008¹

O Mosteiro de S. João de Tarouca localiza-se no distrito de Viseu, concelho de Tarouca, freguesia de S. João de Tarouca. Sendo ainda por muitos apontado como a primeira fundação da Ordem de Cister em território nacional, à sua lendária fundação *ex nihil* têm vindo a opor-se diversos estudos que apontam a anterior existência no local de uma comunidade religiosa eremítica. Provada fica a sua existência a partir de 1140, com a atribuição do seu couro monástico por D. Afonso Henriques, sabendo-se por certo que a sua construção se iniciou apenas em 1154, segundo inscrição comemorativa preservada no tímpano da porta dos monges.

Respeitando a estratégia de implantação da Ordem Cisterciense, a elevação do complexo monástico dá-se em vale, por oposição a locais elevados como os elegidos pela Ordem Beneditina ou de Cluny, neste caso concreto da Serra de Leomil, no cruzamento de duas linhas de água afluentes do Rio Varosa.

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas pelo regime liberal, o Mosteiro de S. João de Tarouca é vendido em hasta pública e desmantelado para reaproveitamento da pedra, conservando-se apenas o templo, reconvertido em igreja paroquial, após o qual o espaço resultante foi aterrado e transformado em área agrícola.

Tendo a sua igreja sido classificada Monumento Nacional em 1956, classificação alargada à restante área monástica em 1978, foi sucessivamente afecto à Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), Instituto Português do Património



Reconstituição a nível de base do complexo monástico medieval



Planta geral da área de escavação arqueológica (H. Pereira)

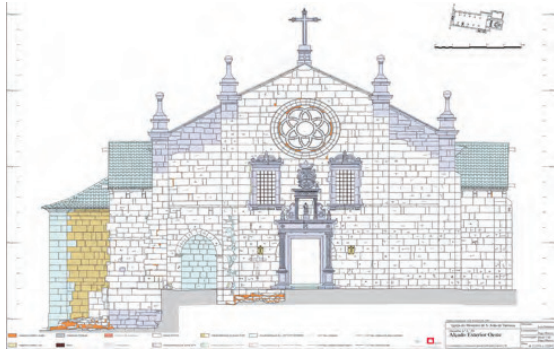
Cultural (IPPC), Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e, a partir de 2007, à Direcção Regional de Cultura do Norte. Em 1998 é inserido pelo IPPAR num abrangente plano de recuperação e valorização de complexos monásticos cistercienses, por altura dos 900 anos da Ordem de Cister, ficando as suas linhas orientadoras de salvaguarda, recuperação e valorização do Património Cisterciense nacional definidas na Carta de Alcobaça².

Tendo vindo desde então a ser intervenção numa perspectiva inter-

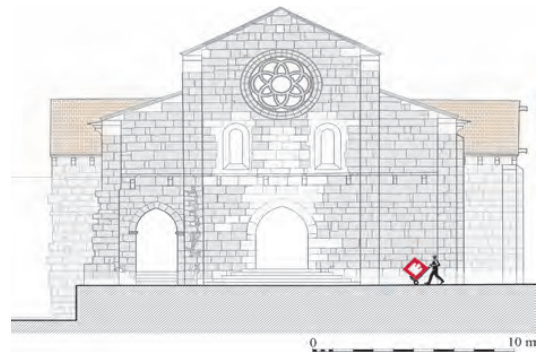
disciplinar, em que se destaca o restauro quase completo do património integrado da igreja, a componente arqueológica assume contudo uma clara preponderância, como resposta ao elevado nível de destruição do imóvel. Sem nunca deixar de ter presente o enquadramento da intervenção arqueológica – estratégia de salvaguarda e valorização do imóvel – os seus objectivos imediatos definiram-se pela compreensão da evolução arquitectónica do complexo monástico, da fundação ao momento de abandono, e o estudo da cultura material associada, permitindo novas perspectivas e conhecimentos, não só do universo cenobita e religioso em Portugal, mas indirectamente do conjunto social em que este fenómeno se inseriu.

Assim, abrangendo todo o interior da cerca de clausura com especial incidência na área correspondente à construção original, amplamente alargada nos séculos XVII e XVIII, a intervenção arqueológica atingiu, entre 1998 e 2007, os 3225 m² de área, aos quais se juntam um número total de 19 sondagens em profundidade.

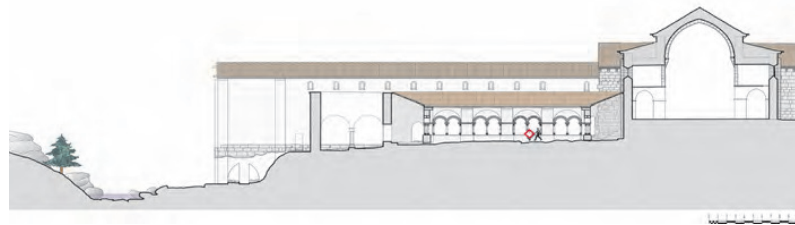
A recuperação total da planta original do mosteiro permite hoje afirmar estarmos perante o melhor exemplar de arquitectura cisterciense em território nacional, ao nível do mais característico estilo cisterciense-borgonhês que caracterizou o chamado movimento arquitectónico Bernardino no século XII – ascetismo, simplicidade, pureza de formas, contenção decorativa e proporcional – para o qual o mosteiro de Fontenay se viria a tornar o símbolo máximo, com envolvimento pessoal de S. Bernardo na sua concepção, jun-



Aspecto do estudo arqueológico-arquitectónico aplicado à fachada da igreja (H. Pereira, L. Sebastian)



Reconstituição da fachada medieval da igreja (H. Pereira, L. Sebastian)




Reconstituição do mosteiro medieval de S. João de Tarouca - ala dos monges, calefactório, claustro e igreja (H. Pereira, L. Sebastian)

tando-se ao núcleo tradicionalmente apontado dos mosteiros de Silvanés, Le Thoronet, Silvacane, Fontfroide, Sénanque, Fontmorigny e de Flaran. A esta revelação de destaque junta-se o facto de, do conjunto de mosteiros românicos inicialmente existentes em território nacional, vários terem desaparecido fisicamente e, sobretudo, a maioria ter sido profundamente alterada nos períodos maneirista e barroco, inclusive com o desmantelamento de todos os claustros românicos.

Pela timidez das alterações feitas à igreja original do Mosteiro de S. João de Tarouca, nos séculos XVII e XVIII, esta permite-se ser, se sujeita a um trabalho de análise cuidada, decomposta nas suas diversas fases construtivas, após a eliminação das quais podemos isolar a construção original e observar, pela primeira vez, a mais plena construção bernardina em território português.

Ironicamente, o facto de as dependências monásticas terem sido vendidas em

hasta pública após a extinção das ordens monásticas em Portugal, tendo sido desmanteladas para reaproveitamento da pedra, permite hoje, através do processo de escavação arqueológica, uma leitura impossível em edifícios conservados, permitindo decompor, em certos aspectos mais facilmente, as diversas fases construtivas.

Em fase de conclusão, a interpretação dos dados reunidos pelas escavações arqueológicas realizadas sob a égide do IPPAR permitirão, num futuro breve, juntar à reconstituição dos edifícios originais o estudo de grande parte do espólio, de entre o qual se destaca a cerâmica, com cerca de 300 000 fragmentos recolhidos, ao qual se juntam dados de origem arqueozoológica, arqueobiológica e antropológica, versando áreas como a da alimentação, doenças, técnicas de exploração agrícola, estratégias de exploração territorial, técnicas construtivas, transacções comerciais e práticas culturais. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ Este texto enuncia de forma sucinta a informação desenvolvida em publicações como:

Castro, A. S.; Sebastian, L. (2006) - A intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca: 1998 - 2006. In Actas do Seminário Internacional Tarouca e Cister - Homenagem a Leite de Vasconcelos. Tarouca: Câmara Municipal, p. 125-166.

Sebastian, L.; Castro, A. S. (2007) - Uma primeira proposta de reconstituição arquitectónica do Mosteiro cisterciense de S. João de Tarouca. In Revista de História da Arte. Lisboa: Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa. N.º 4, p. 142-171.

Castro, A. S.; Sebastian, L. (2005) - Les marques lapidaires du monastère cistercien de S. João de Tarouca (Portugal). In Actes du XIVe Colloque International de Glyptographie de Chambord. Braine-le-Château: Centre International de Recherches Glyptographiques/Éditions de la Taille d'Aulme, p. 399-422.

Castro, A. S.; Sebastian, L. (2005) - Dados para o estudo da estratégia de implantação do Mosteiro de S. João de Tarouca. In Estudos/Património. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. N.º 8, p. 203-211.

Castro, A. S.; Sebastian, L. (2002) - Mosteiro de S. João de Tarouca: 700 anos de História da cerâmica. In Estudos/Património. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. N.º 3, p. 165-177.

Castro, A. S.; Sebastian, L. (2002) - A intervenção arqueológica no mosteiro de S. João de Tarouca: 1998-2001. In Estudos/Património. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. N.º 2, p. 33-42.

² In Actas do Colóquio Internacional Cister - Espaços, Territórios, Paisagens. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. Vol. I. 2000, p. 15-17.

LUÍS SEBASTIAN,
Arqueólogo,
Direcção Regional de Cultura do Norte
ANA SAMPAIO E CASTRO,
Arqueóloga,
Direcção da intervenção arqueológica do
Mosteiro de S. João de Tarouca